

humanitas

Vol. LXV
2013

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

com suas transgressões elevadas à enésima potência. Se não se quiser ver, que se escutem os *Sinos da Agonia* de Autran Dourado e os segredos de Diogo, Gaspar e Malvina... Fica aberto o convite, colegas!

TEREZA VIRGÍNIA RIBEIRO BARBOSA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BH, BRASIL

Leão, Delfim F., *A Globalização no Mundo Antigo. Do Polites ao Kosmopolites* (Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra/Coimbra University Press, 2012) 158 p. ISBN 978989-26-0267-7.

Foi da fusão e da reescrita de um conjunto de oito artigos que resultou este trabalho de Delfim F. Leão, Catedrático de Clássicas da Universidade de Coimbra, que se tem dedicado ao estudo da Política, do Pensamento Político e da Sociedade dos períodos arcaico, clássico e helenístico gregos. Apesar da existência prévia e dispersa dos estudos aqui incluídos, porém, o produto final é um trabalho da maior seriedade científica, em todos os sentidos que possamos dar ao substantivo.

A publicação insere-se no projecto plurianual do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, dedicado ao binómio *polis/kosmopolis*, abordando «a forma como a vivência da cidadania acompanhou a passagem do particularismo da pólis ou cidadeestado grega para o ambiente globalizado dos reinos helenísticos» (p. 9).

O primeiro dos oito estudos funciona como enquadramento geral do tema, tratando a base política, económica e social que possibilitou a passagem de um regime de *oikos* para o regime de *polis*. Deste modo, trata-se também a problemática do individual e do colectivo em contextos que se revelaram marcos fundamentais para a História da Europa e do Ocidente. O segundo estudo é como que um *case-study* feito a partir de uma constituição antiga, centrando-se na figura de Licurgo, a quem a tradição atribuía a criação da constituição espartana. O ensaio que vem em terceiro lugar trata o conceito de *patrios politeia*, partindo do tema da autoctonia, conceito relacionado com a ideia de «pertença a um lugar» e, por conseguinte, relacionado com o de «constituição ancestral». O estudo do fenómeno político na Grécia Antiga não pode deixar de lado o teatro, enquanto expressão própria da *polis* ateniense em particular, e que, na perspectiva do Autor – e quanto a nós de forma pertinente –, se reflecte na «forma como as esferas do

polites e do *idiotes* se cruzam e interpelam, acompanhando assim de perto as tensões e desafios a que a pólis vai sendo sujeita» (p. 11). Faz, por isso, todo o sentido que o quarto estudo seja dedicado a esta temática.

O quinto texto é mais um *case-study* de política grega antiga, feito a partir do exemplo do Fócion plutarqueano e no qual voltam a salientar-se os conceitos de *idiotes* e de *polites*, concluindo-se da boa convivência entre ambos, pelo menos «enquanto a preocupação com o conforto privado não se sobrepuser aos imperativos da comunidade» (pp. 11; cf. pp. 86 e 96). Como nota o A., porém, é «precisamente esse equilíbrio que se vai perder, ao longo do século IV, em Atenas, constituindo um sintoma denunciador da própria perda progressiva de liberdade em relação à Macedónia» (p. 11). Este é, na verdade, um dos prenúncios de uma nova realidade sócio-política durante o período helenístico.

O projecto de Alexandre e a visão cosmopolítica que lhe parece ter sido inerente é o tema do sexto ensaio deste livro. O general macedónio parece ter sido de facto o motor de uma ideia de globalização que acabou por dar o mote àquela que viria a ser a realidade política romana de tipo imperial. Daí que seja imprescindível que a figura do *hegemon* esteja presente em qualquer trabalho que pretenda abordar esta problemática.

O sétimo estudo volta a ser um *case-study*, ainda que o tema «Alexandria» valha por si só como alternativa inteiramente válida ao assunto «Helenismo». De facto, Alexandria é o centro político-cultural para onde convergem e em que se manifestam todas as grandes características do que se convencionou chamar de Mundo Helenístico: cosmopolitismo, multiculturalismo, «globalização», identidade. Daí o sentido redobrado deste estudo.

O oitavo e último capítulo parte igualmente de um caso concreto de cosmopolitismo antigo: Paulo de Tarso. Com ele, propõe-se uma análise dessa figura ímpar da Antiguidade, paradigmática também para o quadro e sentido do helenismo.

Basta, portanto, uma leitura do índice para percebermos de imediato a importância deste livro de Delfim Leão; além de que devemos levar em conta o facto de se tratar de um tipo de bibliografia muito pouco frequente na historiografia portuguesa. Mas a leitura integral do mesmo não só nos permite confirmá-lo como nos deixa agradavelmente satisfeitos com a clareza das exposições e a pertinência das problemáticas colocadas e discutidas. As fontes são analisadas e criticadas com argúcia e a autoridade do filólogo, sejam elas tratados biográficos atribuídos a Plutarco, sejam os textos da

tradição mitológica – essenciais para qualquer estudo no âmbito da política grega – sejam outros materiais, como os vestígios arqueológicos, traduzindo uma maturidade analítica a que, aliás, Delfim Leão já nos habituou há muito.

Seria talvez pertinente a inclusão de alguns parágrafos em que se discutisse conceitos como «imperialismo» (e.g. p. 19) ou «conflito de classes» (e.g. p. 18), uma que vez que estas são ideias essencialmente oitocentistas, aplicadas posteriormente pelos historiadores às várias realidades epocais e por isso mesmo passíveis de problematização e discussão. Dado o amplo leque de sentidos e de ideologias que os têm utilizado, há sempre algum risco de inadequação conceptual que pode residir, sobretudo, no espírito dos vários leitores. É um facto que estes são daqueles conceitos que se tornaram ferramentas operacionais que, contudo, variam com os autores que os utilizam e com os leitores que com eles deparam. Mas, precisamente por isso, talvez fosse útil alguma discussão epistemológica nesse âmbito e o A. é um dos investigadores competentes para o fazer.

Não obstante, este conjunto de trabalhos de Delfim Leão é de elevadíssima qualidade científica e quase poderia fazer par com o igualmente importante estudo de R. Hingley, *Globalizing Roman Culture: Unity, Diversity and Empire* (Routledge, 2005).

Do livro fazem ainda parte úteis índices remissivos e uma bibliografia actualizada sobre o tema.

NUNO S. RODRIGUES

Lopes, Maria José, Pinto, Ana Paula, Melo, António, Gonçalves, Armanda, Silva, João Amadeu, Gonçalves, Miguel (orgs.), *Narrativas do poder feminino*, Publicações da Faculdade de Filosofia – Universidade Católica Portuguesa, Braga, 2012, ISBN: 978-972-697-205-1

No âmbito do projeto “Matrizes Clássicas – da Antiguidade à Modernidade”, que visa promover uma reflexão sobre a presença, na cultura ocidental, de figuras, valores e perspectivas greco-latinos, organizou a linha de investigação em Estudos Literários e Culturais do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa, em Braga, um colóquio internacional subordinado ao tema “Narrativas do poder feminino”, que decorreu em 26 e 27 de abril de